



1743 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 16 - Relações Étnico-Raciais

DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL E LIVROS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISES DE UMA COLEÇÃO DE UM SISTEMA DE ENSINO

Thaís Regina de Carvalho - UFPR - Universidade Federal do Paraná

O presente trabalho irá abordar sobre as formas e estratégias utilizadas no que se refere a inserção da diversidade étnico-racial em imagens de cinco apostilas produzidas por um sistema privado de ensino que foi adotado por redes públicas municipais de educação infantil. Nossas análises estão ancoradas nos estudos críticos sobre educação e relações raciais no Brasil, com foco nas especificidades da primeira etapa da educação básica. A coleta de dados foi desenvolvida através da realização de entrevista com uma funcionária de uma editora e análises documental e de conteúdo. Observamos que o sistema privado de ensino, por meio da inclusão de algumas imagens, atende de forma parcial alguns aspectos que buscam contemplar a diversidade étnico-racial, porém reproduz e mantém o ideal do branco como norma da humanidade.

Palavras-Chave: Diversidade étnico-racial; Educação infantil; Sistema privado de ensino.

INTRODUÇÃO

Pesquisas (ADRIÃO e DAMASO, 2012; PERONI, 2015) apontam que a adoção de sistemas privados de ensino por redes municipais públicas de educação infantil vem aumentando e uma vez adquiridos, estes mantêm-se. Tais sistemas privados de ensino são conhecidos por produzir uma cesta de pacotes e serviços, a qual costuma incluir:

[...] material didático conhecido como "material apostilado", distribuído aos estudantes e aos professores em versões distintas. Além disso, as empresas oferecem assessorias que envolvem procedimentos de avaliação sobre o uso adequado dos materiais, "treinamentos" a docentes e acesso a portais com instruções detalhadas sobre sua utilização. A empresa privada oferece ao setor público, na verdade, um programa de ensino que incide sobre a organização dos tempos e rotinas de trabalho nas unidades escolares, que constituem formas de controle sobre este trabalho (ADRIÃO, GARCIA, BORCHI, ARELARO, 2012, p. 538).

Considerando a quantidade de serviços e as formas como esses incidem na organização da rede municipal pública em geral, e na definição das práticas pedagógicas das unidades educativas em específico, a adesão à sistemas privados vêm sendo interpretada como uma política educacional (ADRIÃO e DAMASO, 2012; PERONI, 2015). Todavia, esse debate é intenso, tendo em vista que o aumento na adoção desses sistemas:

[...] deve ser analisado com cautela, entre outras razões pelo fato de incidir sobre o currículo de uma etapa educacional que embora possua diretrizes curriculares nacionais de caráter mandatório (BRASIL, 2009b), as quais definem como eixos norteadores para a organização curricular da EI as **interações entre adultos e crianças e entre crianças** e a **brincadeira**, estas ainda não são consideradas por grande parte das propostas pedagógicas vigentes nos diferentes sistemas educacionais do país (CORREA, ADRIÃO, 2012, p. 36, grifos no original).

A não consideração dos eixos citados nega os princípios da primeira etapa da educação básica. Fato que vem gerando problematizações no sentido da garantia dos direitos das crianças em vivenciar múltiplas experiências nos diferentes espaços e ambientes de educação infantil, principalmente ponderando que essa etapa não é destinada a execução de atividades que visam reprodução, cópias, antecipação e a preparação para o ensino fundamental.

Contudo, embora existam argumentações contrárias a adoção desses pacotes de serviços, esses ao serem comprados pelas redes municipais públicas vendem um ideal de conquista da qualidade de educação, inclusive as empresas intitulam tais serviços como soluções educacionais.

Dessa forma, embasados/as nos documentos nacionais¹ que subsidiam a discussão sobre qualidade na educação infantil, bem como nos estudos críticos sobre educação infantil e relações raciais (AMARAL, 2013; CAVALLEIRO, 2015; DIAS, 2007; ROSEMBERG, 2011) elencamos que a diversidade étnico-racial é um dos elementos que compõe a qualidade na primeira etapa da educação básica. Assim sendo, diante do cenário de crescimento e permanência na adesão a sistemas privados de ensino na referida etapa, buscamos compreender quais as formas e estratégias utilizadas pelas editoras para contemplar a diversidade étnico-racial.

Como é de nosso conhecimento, as relações raciais no Brasil são marcadas pela complexidade e pelas desigualdades entre brancos/as e negros/as. Estas redesenham-se e a partir de diferentes modos reproduzem-se e mantêm-se nas relações sociais. Portanto, corroboramos com Gomes (2012) que a raça é uma categoria estrutural e estruturante da sociedade brasileira.

Em meio a esse contexto, o presente trabalho irá apresentar análises de 5 (cinco) apostilas que foram produzidas por editoras privadas e compradas por redes municipais públicas de educação infantil. Conforme comentamos anteriormente, as editoras além dos materiais didáticos ofertam proposta pedagógica, cursos de formação continuada, acompanhamentos, entre outros. Contudo, para este artigo selecionamos como recorte o debate sobre as imagens que estão dispostas nas apostilas.

Abordaremos aspectos referentes às condições em que personagens brancas, pretas, pardas, amarelas e indígenas estão retratadas, com

Grupo 4 - Volume 1 – Livro docente 1	79	14	2	3	6	10	114
Grupo 3 - Volume 2 - Livro docente 2	110	7	2	1	0	15	135
Grupo 4 - Volume 3 - Livro docente 3	89	13	17	7	10	19	155
Grupo 5 - Volume 2 - Livro docente 4	50	9	1	1	0	10	71
Grupo 5 - Volume 4 - Livro docente 5	59	2	5	2	0	0	68
Total	387	45	27	14	16	54	543

FONTE: A Autora (2018).

Os dados expostos na tabela 1 demonstram que a coleção é formada majoritariamente por personagens que foram heteroclassificadas como brancas, seguidas das indeterminadas[3], adiante pretas, pardas, indígenas e por fim, amarelas. Como podemos verificar as personagens brancas predominam nas ilustrações da amostra. Interpretamos tal constatação como retratos da reprodução do ideal do branco como norma, ou seja, o branco é tido como padrão de humanidade. Fato que propaga o privilégio de um grupo em detrimento de outros.

A exposição preponderante de brancos/as se torna mais evidente ao calcularmos as taxas de branquidade (ROSEMBERG, 1985) de cada apostila. Esse índice representa a quantidade de personagens brancas dividida pelos índices das negras (Pretas + Pardas). A junção dos resultados de pretos/as e pardos/as apresentada como negros tem como base os estudos de Paixão e Carvano (2007). Os mesmos trazem que:

[...]: i) no fato das condições sociais de ambos os grupos serem para um razoável grupo de indicadores socioeconômicos semelhantes entre si, ou razoavelmente mais próximos entre si do que os indicadores sociais apresentados pelas pessoas brancas; ii) na dinâmica social os processos de classificação racial não são gerados a partir somente da autoidentificação, também sendo bastante influenciados pelas formas pela qual cada um é visto e interpretado pelos demais, no interior de uma sociedade ainda marcada por formas de pensamento e compreensão racializadas. Portanto, dentro desses parâmetros, as pessoas de cor parda, ainda guardando um conjunto de traços físicos que remetem às suas origens africanas ou indígenas, e sendo discriminadas por esse motivo, em muitos casos acabam vivendo dinâmicas sociais bastante próximas às pessoas de cor preta, especialmente em termos das probabilidades de sucesso na seara educacional e no acesso ao mercado de trabalho; iii) no fato de que ainda que no plano subjetivo a maioria das pessoas pardas, ou mesmo pretas, não se identifiquem enquanto negras, no plano político, o uso da terminologia *negra* se justifica pelas exigências de construção de uma identidade social comum (PAIXÃO; CARVANO, 2007, p. 17 -18).

Retomando, as informações da amostra, o quadro 2 exibe as taxas de branquidade gerais.

QUADRO 2: TAXA DE BRANQUIDADE (POR LIVROS/AMOSTRA GERAL)

IDENTIFICAÇÃO DA AMOSTRA	TAXA DE BRANQUIDADE
Livro 1 – Coleção rede pública	4,9
Livro 2– Coleção rede pública	12,2
Livro 3 – Coleção rede pública	2,9
Livro 4 – Coleção rede pública	5,0
Livro 5 – Coleção rede pública	8,4
TOTAL DA COLEÇÃO = 5,3	

FONTE: A Autora (2018)

Ou seja, considerando as taxas da coleção, a cada cinco personagens brancas temos uma negra. Esses dados demonstram a distribuição desigual entre negros/as e brancos/as, a qual reproduz assimetrias raciais. Dentre as taxas de branquidade por livros, destacamos o índice do livro 2 (12,2), o qual aproxima-se do triplo da taxa da amostra geral, a qual já é alta. Nessa direção, apontamos que as imagens dos livros didáticos vêm contribuindo para a permanência das relações raciais de forma a hierarquiza-las. (SILVA, 2008).

As informações a respeito do recorte gênero e cor/etnia sinalizam que a maior parte das personagens é composta por homens brancos, logo as mulheres brancas, os homens negros e por último as mulheres negras.

TABELA 2: GÊNERO* COR/ETNIA

Gênero	Cor/etnia						Total
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Indeterminada	
Masculino	240	33	14	10	10	24	331
Feminino	138	12	11	4	6	21	192
Indeterminado	9	0	2	0	0	9	20
Total	387	45	27	14	16	54	543

Esses dados assinalam que a preferência por personagens brancas também está posta ao cotejarmos duas categorias. Focando nas personagens negras femininas, vale apontar as informações sobre o livro 1 e 5, os quais contam apenas com 2 (duas) personagens femininas negras. A frequência do livro 4 é semelhante totalizando 3 (três) personagens. Isto é, há uma quantidade baixa de meninas e/ou mulheres negras. Já os livros 2 e 3 apresentam um número um pouco maior, 6 (seis) e 10 (dez), respectivamente. Tal contexto de representação remete à taxas de branquidade tanto acima quanto abaixo da média da amostra geral (5,3).

QUADRO 3: TAXA DE BRANQUIDADE - GÊNERO

GÊNERO AMOSTRA	TAXA DE BRANQUIDADE	
	MASCULINO	FEMININO
LIVRO 1	3,0	17,5
LIVRO 2	24,0	6,1
LIVRO 3	2,2	4,3
LIVRO 4	3,8	7,3
LIVRO 5	11,6	9,0
TOTAL DA COLEÇÃO (Rede pública)	5,1	6,0

FONTE: A Autora (2018).

Com exceção dos livros 2 e 5, as taxas de branquidade entre as mulheres são maiores do que entre os homens. A partir daí, verificamos, novamente, que as relações sociais vêm sendo reproduzidas nos livros didáticos, já que segundo o "Relatório das desigualdades de raça, gênero e classe" (2017), as mulheres negras integram o grupo mais atingido pelas desigualdades no país.

Tendo em vista que os livros didáticos são destinados às crianças pequenas e que para essas a representação simbólica é fundamental, outro ponto importante para a nossa discussão são as informações sobre o recorte etário. A tabela 3 traz informações sobre esse assunto:

TABELA 3: IDADE/ETAPA * COR/ETNIA

Idade/Etapa	Cor/etnia						Total
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Indeterminada	
Adulta	83	7	2	2	1	15	110
Criança	282	37	21	12	14	22	388
Adolescente	5	0	0	0	0	0	5
Idosa	6	1	0	0	0	2	9
Indeterminada	11	0	4	0	1	15	31
Total	387	45	27	14	16	54	543

FONTE: A Autora (2018).

Diante das quantidades absolutas é possível perceber que a maior parte das personagens da coleção são crianças. Tal informação também foi enunciada por uma das supervisoras que trabalha na produção dos materiais didáticos. No entanto, um elemento que ocupa um papel relevante no sentido de confirmar que a representação de personagens brancas é algo que faz parte da estrutura da composição das ilustrações, é o fato das crianças serem predominantemente brancas.

A mesma entrevistada, nos informou que o sistema privado de ensino contempla aspectos da diversidade étnico-racial em seus materiais, principalmente através da inserção de imagens. Nessa direção, haja vista a presença massiva de personagens brancas, interpretamos tais apontamentos através dos estudos que apresentam que a branquidade normativa é concomitantemente invisível e hipervisível (APPLE, 2002; REDDY, 1998), pois ao mesmo passo que é silenciada, ela é evidente ao observarmos as diversas relações que ocorrem nos diferentes espaços e ambientes. As taxas de branquidade sobre a categoria idade/etapa assinalam a ocorrência da sobre representação do/a branco/a, em detrimento de pretos/as e pardos/as.

QUADRO 4: TAXA DE BRANQUIDADE – IDADE/ETAPA

IDADE AMOSTRA	TAXA DE BRANQUIDADE	
	ADULTO/A	CRIANÇA
LIVRO 1	4,4	5,1

LIVRO 2	24,0	10,7
LIVRO 3	7,0	2,9
LIVRO 4	9,0	3,0
LIVRO 5	3,0	8,0
TOTAL DA COLEÇÃO (Rede pública)	9,6	4,8

FONTE: A Autora (2018).

Por meio desses índices é possível verificar que as taxas de branquidade são significativas tanto entre as crianças quanto entre os/as adultos/as. A saber, a presença de negros/as como adolescentes e idosos foi inexpressiva.

Movimento semelhante pode ser apontado no que se refere aos nomes das personagens, pois apenas 6 % das personagens negras têm nomes, em contrapartida as brancas com nomes somam 89% do total.

TABELA 4: NOME * COR/ETNIA

Nome		Cor/etnia						Total
		Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Indeterminada	
	Sim	152	9	2	2	3	2	170
	Não	235	36	25	12	13	52	373
Total		387	45	27	14	16	54	543

FONTE: A Autora (2018).

A nosso ver, essa é uma importante categoria, pois atua no campo das discussões sobre identidades. Porém, embora ocupe um papel relevante no cotidiano das unidades de educação infantil, principalmente no sentido das identificações, esse item é o que conta com as taxas de branquidade mais altas, sendo que a amostra geral totaliza 13,8.

QUADRO 5: TAXA DE BRANQUIDADE - NOME

NOME	TAXA DE BRANQUIDADE
AMOSTRA	
LIVRO 1	3,2
LIVRO 2	62,0
LIVRO 3	4,2
LIVRO 4	7,0
LIVRO 5	17,6
TOTAL DA COLEÇÃO (Rede pública)	13,8

FONTE: A Autora (2018).

Os valores dessas taxas de branquidade sugerem que há uma produção menos elaborada de personagens pretas e pardas, a qual também provoca a reprodução das desigualdades raciais.

Dando continuidade as análises dos resultados, cabe verificar as formas de interação, como, por exemplo, a participação em diálogos.

TABELA 5: DIÁLOGO * COR/ETNIA

Diálogo		Cor/etnia						Total
		Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Indeterminada	
	Personagem tem ação de fala a outro	116	13	3	4	1	8	145
	Personagem tem recepção de fala de outro	64	13	8	3	3	12	103
	Personagem não participa de diálogo	207	19	16	7	12	34	295
Total		387	45	27	14	16	54	543

FONTE: A Autora (2018).

As informações da tabela 5 demonstram que a representação de diálogos nas páginas dos livros didáticos não se configura como uma

das prioridades da coleção. No entanto, chama atenção conhecer que dentre as 72 (setenta e duas) personagens negras somente 16 (dezesesseis) tenham sido retratadas com ação na fala.

A categoria diálogos é importante, pois a fala é um dos elementos que influenciam as relações de poder. De forma análoga aos outros itens abordados, as taxas de branquidade também são altas, conforme traz o quadro 6.

QUADRO 6 - TAXA DE BRANQUIDADE – DIÁLOGOS.

DIÁLOGOS	TAXA DE BRANQUIDADE	
	PERSONAGEM TEM AÇÃO DE FALA A OUTRO	PERSONAGEM TEM RECEPÇÃO DE FALA DE OUTRO
AMOSTRA		
LIVRO 1	2,0	2,3
LIVRO 2	9,8	7,3
LIVRO 3	2,0	2,2
LIVRO 4	9,0	3,0
LIVRO 5	40,0	1,0
TOTAL DA COLEÇÃO (Rede pública)	7,2	3,0

FONTE: A Autora (2018).

Diante desses dados, vale salientar a ocorrência de as taxas de branquidade serem mais altas no que se refere à ação do que a recepção. Tal cenário confirma a existência de relações raciais assimétricas nas ilustrações da coleção. No tocante das assimetrias raciais na sociedade brasileira Paixão (2013) aponta que:

[...] Os brancos entrariam nessa relação na condição de polo dominante e enquanto tal interagiriam com os demais grupos reservando-se ao direito de saber de que forma essa interação iria ocorrer. Sabendo-se superiores aos negros (em termos econômicos, poder e de prestígio social), os brancos poderiam se abrir intermitentemente para relações desinteressadas com aquelas pessoas que afinal de contas subordinariam. No outro polo se exigiria que os negros tivessem um comportamento complacente para com tal padrão. Na medida em que esses grupos não reivindicassem igualdade, mais uma vez em termos econômicos, poder e de prestígio social, as relações entre ambos os grupos poderiam transcorrer de forma amistosa nos momentos específicos das festividades, do lazer e da religião (as áreas moles do contato racial). Ou seja, as assimetrias é o preço que se paga pela paz. Assim, no interior desse ponto de vista, são as disparidades raciais que garantem a qualidade dos modos de interação entre brancos e negros no Brasil. [...], esse é o segredo do racismo à brasileira (PAIXÃO, 2013, p. 133-134).

As disparidades raciais também podem ser percebidas na categoria narração, a qual embora seja um importante quesito, não compõe o rol de prioridades do sistema privado de ensino, já que a maioria das personagens não são narradoras. Todavia, dentre as que são, 85% são brancas.

TABELA 6: NARRAÇÃO * COR/ETNIA

Narração	Cor/etnia						Total
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Indeterminada	
Personagem é narrador	61	6	0	2	2	1	72
Personagem não é narrador	326	39	27	12	14	53	471
Total	387	45	27	14	16	54	543

FONTE: A Autora (2018).

Mesmo os índices sobre diálogo e narração sendo baixos do ponto de vista da execução, essa situação não se repete a respeito das ações das personagens, pois 88% das personagens emitiram alguma ação.

TABELA 7: AÇÃO * COR/ETNIA

Ação	Cor/etnia						Total
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Indeterminada	
Personagem emite ação própria na imagem ou trama	343	41	21	12	16	46	479
Personagem tem ação descrita por outro	1	0	0	0	0	0	1
Personagem não emite ação	43	4	6	2	0	8	63
Total	387	45	27	14	16	54	543

Sobre esse assunto, destacamos como algo positivo o fato da maioria das personagens negras emitirem ação, ou seja, aparecem brincando, correndo, observando, entre outros.

Passando para os dados sobre relação familiar, repetidamente, constatamos a tendência da representação de personagens brancas como norma de humanidade, confirmando um nível maior de detalhes das referidas personagens.

TABELA 8: PARENTESCO GERAL * COR/ETNIA

Parentesco geral		Cor/etnia						Total
		Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Indeterminada	
	Tem relação familiar	73	5	1	0	2	6	87
	Não tem nenhuma relação familiar	312	40	26	14	14	48	454
	Indeterminado	2	0	0	0	0	0	2
Total		387	45	27	14	16	54	543

FONTE: A Autora (2018).

A exposição de relações familiares não pode ser apontada como recorrente nas ilustrações dos livros didáticos. No que se refere a relação conjugal há apenas 6 (seis) personagens e todas são brancas. Os dados sobre as personagens que têm pais seguem essa disposição, pois das 25 (vinte e cinco) personagens com essa relação, somente 2 (duas) foram heteroclassificadas como pretas, 1 (uma) indígena e as brancas totalizam 22 (vinte e duas), cerca de 88% do total. Os resultados referentes ao parentesco filhos/as são semelhantes, dentre as 21 (vinte e uma) personagens, 18 (dezoito) são brancas e apenas 2 (duas) pretas e 1 (uma) indígena. A respeito do parentesco irmãos/irmãs, só localizamos personagens brancas, as quais totalizaram 19 (dezenove) pessoas.

Dentre essas informações, cabe registrar a ausência de mulheres negras ocupando tais papéis. Portanto, ao longo da amostra é possível observar a sub-representação da personagem feminina negra.

As taxas de branquidades relativas aos parentescos foram:

QUADRO 7 - TAXA DE BRANQUIDADE – RELAÇÃO FAMILIAR.

FAMÍLIA	TAXA DE BRANQUIDADE
AMOSTRA	
LIVRO 1	6,7
LIVRO 2	15,0
LIVRO 3	10,0
LIVRO 4	6,0
LIVRO 5	-
TOTAL DA COLEÇÃO	12,1
(Rede pública)	

FONTE: A Autora (2018).

Tais resultados demonstram que permanece um padrão normativo que simultaneamente é invisível e evidente (APPLE, 2002; COTTON, O'NEILL, GRIFFIN, 2014; REDDY, 1998). Isto é, da mesma forma que os sujeitos continuam reproduzindo-o sem questionamentos, ele é perceptível ao se constatar a sobre-representação de personagens brancas. A respeito da reprodução do branco como norma da humanidade Apple (2002) explica que este é:

[...] algo sobre o qual não temos que pensar. Ela está simplesmente aí. Trata-se de um estado naturalizado de ser. Trata-se de uma coisa normal. Tudo o mais é o outro. É o lá que nunca está lá. Mas está lá, porque ao nos reposicionarmos para ver o mundo, como constituído a partir de relações de poder e privilégio, a branquidade como privilégio desempenha um papel crucial (APPLE, 2002, p 39-40).

Logo, a reprodução preponderante de personagens brancas em livros destinados a crianças pequenas opera na manutenção e crescimento dos privilégios da população branca, de tal forma que essa tem mais possibilidades de se identificar com determinadas personagens e valorizar a sua autoestima do que outras crianças que são representadas esporadicamente.

Em meio a essas constatações, também cabe apontar alguns indícios de representação valorizada de personagens negras. Como exemplo, citamos as informações sobre a natureza das personagens:

TABELA 9: Natureza * Cor/etnia

Natureza	Cor/etnia						Total
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Indeterminada	
Humana	382	45	27	14	16	45	529
Fantástica	5	0	0	0	0	0	5
Antropomorfizada	0	0	0	0	0	9	9
Total	387	45	27	14	16	54	543

FONTE: A Autora (2018).

Os dados revelam que a maioria das personagens foi retratada como humana. Tal apresentação é fundamental no sentido de contribuir para o processo de identificação das crianças e para não reforçar determinados estereótipos.

A questão da forma como a personagem está disposta nas páginas dos livros didáticos também é relevante e sobre isso verificamos que a maior parcela é exposta individualmente.

Tabela 10: Individualidade * Cor/etnia

Individualidade	Cor/etnia						Total
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Indeterminada	
Indivíduo	336	43	22	14	10	33	458
Grupo ou multidão	51	2	5	0	6	21	85
Total	387	45	27	14	16	54	543

FONTE: A Autora (2018).

O fato das personagens estarem representadas como indivíduos igualmente contribui no processo de identificação. Nessa direção, o papel que as mesmas ocupam é do mesmo modo relevante. A respeito da importância das personagens, os resultados da tabela 11 trazem que:

TABELA 11: IMPORTÂNCIA DA PERSONAGEM * COR/ETNIA

Importância da personagem	Cor/etnia						Total
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Indeterminada	
Principal	310	40	21	13	11	16	411
Secundária	59	3	3	1	4	22	92
Terciária	18	2	3	0	1	16	40
Total	387	45	27	14	16	54	543

FONTE: A Autora (2018).

Assim como, os dados sobre natureza e individualidade, as informações a respeito da importância das personagens remetem a representações que indicam movimentos para contemplar a diversidade étnico-racial, porém a presença preponderante de personagens brancas, gera e propaga as relações desiguais de representação de brancos/as e negros/as nas ilustrações dos livros didáticos produzidos pelo sistema privado de ensino e comprados por redes públicas municipais de educação infantil de diferentes regiões do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto buscou apresentar as formas e estratégias elencadas para a inserção da diversidade étnico-racial em livros didáticos da educação infantil que são produzidos por sistemas privados de ensino e comprados por redes públicas municipais de educação. Para isso, inicialmente debatemos sobre a caracterização dos serviços dos sistemas privados de ensino, bem como a respeito do crescimento e permanência dos mesmos nas redes públicas. Adiante explanamos a respeito dos caminhos metodológicos e em seguida partimos para as análises dos resultados. Nestas, expusemos os dados absolutos e as taxas de branquidade por categorias. Tais taxas exibem altos índices, inclusive a amostra geral totalizou um valor de 5,3, indicando que a cada 5 (cinco) personagens brancas, há a representação de 1 (uma) negra.

Assim, analisamos que a estratégia selecionada para contemplar a diversidade étnico-racial é através da inclusão de poucas imagens nas ilustrações, pois não localizamos conteúdos específicos que abordassem a temática e esta também não está disposta ao longo das unidades. Nas imagens, não verificamos estereótipos explícitos, no entanto ficou evidente a presença majoritária de personagens brancas, conforme vimos apontando.

Além disso, constatamos que as personagens brancas aparecem de forma mais elaborada, contando, portanto, com mais detalhes do que as pretas, pardas, indígenas e amarelas. Interpretamos esse cenário como reprodução das desigualdades raciais e manutenção dos privilégios dos/as brancos/as.

Concluindo, ressaltamos que o sistema privado de ensino cumpre de maneira pouco expressiva os aspectos que envolvem a diversidade étnico-racial, pois embora existam algumas imagens de personagens negras, indígenas e amarelas, a maior parcela das

personagens é branca. Esse cenário favorece a manutenção das disparidades raciais.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Theresa; DAMASO, Alexandra. **Indicações sobre o crescimento da oferta de sistemas privados de ensino no estado de São Paulo**. Trabalho apresentado no XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP, Campinas, 2012.

ADRIÃO, Theresa; GARCIA, Teise; BORGHI, Raquel; ARELARO Lisete. As parcerias entre prefeituras paulistas e o setor privado na política educacional: Expressão de simbiose? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 119, p. 533-549, abr./jun. 2012.

AMARAL, Arleandra Cristina Talin do. **A infância pequena e a construção da identidade étnico-racial na educação infantil**. Tese (Doutorado em educação). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2013.

APPLE, Michael W. Consumindo o outro: branquidade, educação e batatas fritas baratas. In: _____; COSTA, Marisa Vorraber. **Escola básica na virada do século**: Cultura, Política e Currículo. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: CNE, 1996.

_____. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil, vol. 1**. Brasília: MEC, 2006.

_____. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil, vol. 2**. Brasília: MEC, 2006.

_____. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças** Brasília: MEC, 2009.

_____. **Indicadores de Qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2009.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2010.

_____. **Contribuições para a Política Nacional**: a avaliação em educação infantil a partir da avaliação de contexto. Curitiba: Imprensa/UFPR; Brasília: MEC/SEB/COEDI, 2015.

CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2015.

CORREA, Bianca; ADRIÃO, Theresa. Reflexões sobre a adoção de sistemas privados de ensino em escolas municipais de educação infantil. In: ADRIÃO, Theresa; GARCIA, Teise; BORGHI, Raquel Fontes; Bertagna, Regiane Helena; PAIVA, Gustavo; XIMENES, Salomão. **Sistemas de ensino privados na educação pública brasileira**: consequências da mercantilização para o direito à educação. 2015. (Relatório de pesquisa).

COTTON, John L.; O'NEILL, Bonnie S.; GRIFFIN, Andrea E.C. Whiteness of a name: is "white" the baseline? **Journal of Managerial Psychology**, v. 29, n. 4, p.405-422.

DIAS, Lucimar Rosa. **No fio do horizonte**: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo. Tese (Doutorado em Educação) - São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro e Educação: Ressignificando e Politizando a **Raça**. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012.

LEÃO, Natália; CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto; FERES JÚNIOR, João. **Relatório das desigualdades de raça, gênero e classe**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/ Instituto de Estudos Sociais e Políticos – IESP, n. 1, 2017.

PAIXÃO, Marcelo; CARVANO, Luiz Marcelo. **Oficina de Indicadores Sociais (Ênfase em Relações Raciais)** Rio de Janeiro: LAESER, 2007. (No prelo)

PAIXÃO, Marcelo. **500 anos de solidão**: Estudos sobre desigualdades raciais no Brasil. Curitiba: Appris, 2013.

PERONI, Vera Maria Vidal; CAETANO, Maria Raquel. O público e o privado na educação: Projetos em disputa? **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 17, p. 337-352, jul./dez. 2015.

REDDY, Maureen T. Invisibility/Hypervisibility: The paradox of normative whiteness. **Transformations: The Journal of Inclusive Scholarship and Pedagogy**, v. 9, n. 2, p. 55-64, 1998 (SPECIAL ISSUE: "How Could You Not Hear It?" Writings on Race · Color · Whiteness)

ROSEMBERG, Fúlvia. Da intimidade aos quiprocós: uma discussão em torno da análise de conteúdo. **Cadernos CERU**. São Paulo, n. 16, p. 69-80, 1981.

_____. **Literatura Infantil e Ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

_____. A criança pequena e o direito a creche no contexto dos debates sobre infâncias e relações raciais. In: BRASIL, Ministério da Educação. **Educação Infantil, igualdade Racial e diversidade**: Aspectos políticos, jurídicos, conceituais. Brasília: MEC, 2011.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. **Racismo em livros didáticos**: Estudo sobre negros e brancos em livros de Língua Portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

[1] Dentre eles destacamos: "Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças" (2009b), "Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil" (2010), "Indicadores da Qualidade na Educação Infantil" (2009c), "Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil - Volumes 1 e 2" (2006c, d) e "Avaliação em Educação Infantil a partir da Avaliação de Contexto" (2015).

[2] Ao mencionar a palavra personagem a utilizaremos no feminino, ponderando que essa deriva do latim persona. Essa perspectiva segue o debate de Antônio Candido, Paulo Gomes, Décio Prado e Anatol Rosenfeld, no livro *A Personagem de Ficção*.

[3] A maioria das personagens indeterminadas são as que aparecem de costas, ou em imagens que não há nitidez por estarem muito afastadas e/ou desfocadas.